

A autonomia no ensino do futebol sob a perspectiva dos treinadores

Palavras-Chave: Autonomia, Futebol, Treinador

Autores:

Gabriel Orega Sandoval, UNICAMP
Prof. Ms. Luis Felipe Nogueira Silva, UNICAMP
Prof. Dr. Alcides José Scaglia, UNICAMP

MARCO TEÓRICO:

Em autonomia, *auto* tem o significado “de si mesmo”, já *nomos* exprime o sentido de lei. (SILVA, SANTOS E SENNA, 2019). Para Kant, é a ação moral escolhida que norteia a vida (BRESOLIN, 2013). Para Piaget (1994), a autonomia moral é a compreensão e adaptação à regra. La Taille (2006) diz que moralmente autônomo é aquele que age, por meio da justiça, respeito mútuo e equidade de direitos, para subverter as regras.

Outros veem a autonomia de um ponto de vista ético, Freire (2019), por exemplo, acredita que por meio da *curiosidade epistemológica* chega-se a criticidade necessária. Já Nietzsche, segundo Von Zuben e Medeiros (2013), recorre a educação e desconstrução de crenças para combater a moral e construir sua forma de vida.

Camus (2019) tentou, nessa direção, averiguar se a vida valia pena ser vivida. Assim, ao afirmar a existência do *absurdo*, ou seja, um sentimento de incongruência entre

homem e mundo e, dessa forma, a falta de sentido na existência, conclui-se que o único meio de viver é se revoltando.

Por meio da revolta, o homem deixa se sentir alheio ao mundo para, enfim, resplandecer na sociedade com inconformismo e coletividade (ARMITRANO, 2007).

Sendo assim, ele apresenta a revolta do escravo - contra a figura do senhor -, a revolta metafísica – um diálogo agitado com Deus, negando a morte – e a revolta histórica – a negação de Deus para viver (CAMUS, 2018).

Da mesma forma que o jogo - entendido como caótico, imprevisível, irredutível (FREIRE, 2002), ético, complexo e sistêmico (SCAGLIA, 2003) - é caracterizado pela necessidade de superar as exigências e demandas que o jogo impele a esse jogador (SCAGLIA, 2005), representadas pelo ciclo desordem-ordem-organização-interação, provido do processo organizacional sistêmico do jogo (SCAGLIA, 2003), entende-se, esse, o *absurdo* do jogo.

O jogador, entendendo seu divórcio com o jogo, dado sua imprevisibilidade e tendência ao caos, não domina o ambiente, apesar de influenciá-lo. Assim sendo, pelo sentimento do *absurdo*, ele constata a organização do jogo. Para chegar a isso, deve-se nortear pelos princípios elaborados por Garganta (1997): a comunicação na ação, estruturação do espaço e comunicação na ação.

Por conseguinte, a revolta deve ser exercida a fim de impactar a lógica vigente do jogo. Por isso, deve se orientar pelos princípios fundamentais de ataque (penetração, espaço, mobilidade, cobertura ofensiva e unidade ofensiva) e de defesa (contenção, equilíbrio, concentração, cobertura defensiva e unidade defensiva), elaborados por Teoldo, Guilherme e Garganta (2015).

METODOLOGIA:

O projeto se fundamenta em uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, uma vez que busca respostas preliminares sobre o tema estudado (FONTANA, 2018). O trabalho terá como base a entrevista de cinco (5) treinadores, sendo dois (2) de categorias iniciais de futebol e dois (3) de categorias de especialização no futebol. Ela será constituída por uma entrevista semiestruturada, constituída por um roteiro, mas suscetível a alterações no que tange a ordem das perguntas (BARTHOLOMEW, HENDERSON, MÁRCIA; 2000). Além disso, houve uma entrevista recorrente, que se caracteriza pela

interação do pesquisador e o entrevistado, tendo por objetivo analisar, por completo, a temática da pesquisa, segundo Cotini (1998). Bardin (2008), através da Análise de Conteúdo, serve como base para a análise dos resultados obtidos.

Somado a isso, foi utilizados dois questionários: um epistemológico pedagógico elaborado por Silva, Leonardo e Scaglia (2021) e outro de cunho psicológico adaptado de Deci et al (1981) para o contexto do esporte, todos eles relacionados ao tema central da pesquisa. Sendo assim, estabeleceu-se uma triangulação de dados, formado pelas entrevistas e os dois questionários, objetivando uma alta especificidade da opinião dos treinadores sobre o tema estudado, como expõe Leonardo e Scaglia (2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O inatismo e o empirismo representam as teorias do conhecimento do senso comum, enquanto o primeiro entende que a capacidade de se desenvolver vem de um dom divino. O empirismo, ao romper com essa ideia, desemboca a obtenção de conhecimento toda no acúmulo de experiências que o sujeito obteve ao longo da vida (PEREIRA; LIMA, 2017).

O interacionismo tem o intuito de romper com a obtenção de experiências ou com a ideia de dom. Para isso, o professor deixa de ser a figura responsável, se constitui como alguém que cria condições para os alunos se desenvolverem e se tornarem quem

desejam ser (SILVA; LEONARDO; SCAGLIA, 2021), por isso, é essencial pensarmos que essa abordagem exprime a autonomia ao jogador.

No entanto, tendo sempre o aluno como centro do processo, há várias formas de exercer o interacionismo. O humanismo, cognitivismo, construtivismo. (BETTEGA; ET AL, 2021). Somado a isso, consideramos, neste trabalho, o interacionismo crítico.

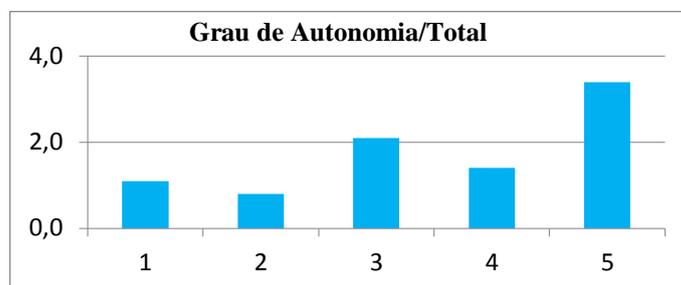
Assim sendo, as categorias ditas anteriormente foram as escolhidas para categorizar as respostas dos entrevistados. É destacável o fato de o cognitivismo e o construtivismo se alocarem na mesma categoria, dada a dificuldade de distingui-los nas falas dos treinadores.

Treina.	Ina.	Emp.	Hum.	Cogni/Constru	Crít.	Tot
1	1	3	5	6	0	14
2	1	5	3	4	0	16
3	0	1	3	8	3	13
4	0	3	2	9	0	15
5	0	1	0	2	10	13

Tabela 1- Categorização de cada treinador, tendo em vista a epistemologia da prática.

Assim, estabeleceu-se um critério para se analisar a autonomia que era estimulada por esses treinadores. Destarte, o humanismo representou 1 ponto, o cognitivismo /construtivismo, 2, e, por fim, o interacionismo crítico valia 4 pontos. Assim, realizou-se a soma das categorias para cada treinador e dividiu-se pela quantidade total de respostas.

Gráfico 1 - Pontuação dos treinadores nas pontuações obtidas através das categorizações realizadas a partir da entrevista.



Além disso, a aplicação do questionário elaborado por Silva, Leonardo e Scaglia (2021) foi fundamental para sustentar essa visão preliminar encontrada nas respostas.

Treinador	INA	EMP	INT
1	17,50%	45,00%	85,00%
2	17,50%	50,00%	82,50%
3	20,00%	42,50%	75,00%
4	52,50%	80,00%	90,00%
5	15,00%	20,00%	80,00%

Tabela 2 - Respostas do questionários elaborados por Silva, Leonardo e Scaglia (2021)

Por fim, o questionário de Deci et al (1981) adaptado ao esporte foi utilizado, somando as escolhas de cada treinado em seu anexo 2, a fim de verificar valores heterônomos.

TREINADOR	VALORES HETERÔNOMOS
1	24
2	42
3	
4	45
5	24

Tabela 3 - Respostas obtidas da seção 2 do questionário adaptado de Deci et al (1981)

É notável que a maioria destes treinadores compreenda o conceito de autonomia. No entanto, pelo fato de o empirismo ser fortemente carregado pela maioria deles, observa-se uma direção comportamentalista aos jogadores.

Isso se deve ao treinador não

compreender o jogo enquanto complexo, ético e caótico, assim, não há interpretação de seguidas desordens que anulariam o comportamento (SCAGLIA, 2003).

Ao passo que se fala em comportamentos corretos a serem seguidos, orientados e repetidos nos treinamentos, infere-se que, para estes treinadores, os valores morais se sobrepõem aos éticos.

Por conseguinte, não há a compreensão da existência de um ambiente de jogo - florescimento do estado de (FREIRE, 2002) - que, no encontro com o ambiente de aprendizado - caracterizado pelo ensino de maneira organizada (SCAGLIA et al, 2014) - elucida a necessidade do estímulo à autonomia ao jogador.

CONCLUSÃO

Por fim, treinadores pensam em uma construção em conjunto, porém, ao mesmo tempo, impõe comportamentos que devem ser seguidos, em outras palavras, deveres morais impelidos aos jogadores. Por conseguinte, não se estimula a formação de jogadores capazes de interpretar a lógica do jogo e alterá-la.

BIBLIOGRAFIA

AMITRANO, G. C. Ecos de razão e recusa: uma filosofia da revolta de homens em tempos sombrios. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Instituto de filosofia e ciências sociais. UFRJ. 2007

BRESOLIN, K. Autonomia versus heteronomia: o princípio da moral em Kant e

Levinas. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 18, n. 3, p. 166-183, set./dez. 2013..

BARDIN, L.; *Análise de conteúdo* (5ª ed.) Edições 70. Lisboa, 2008.

BARTHOLOMEW, K., HENDERSON, A.J.Z., MÁRCIA, J.E. Coding semistructured interviews in social psychology research. In: H.T. Reis & C.M. Judd (orgs.), *Handbook of research methods in social and personality psychology*. UK: Cambridge University Press. 2000

BETTEGA, O.; MACHADO, J. C.; PASQUARELLI, B.; AQUINO, R.; SCAGLIA, A. (2021). *Pedagogia do esporte: bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo*. *Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*.

CAMUS, A. *O mito de sísifo*. 17 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CAMUS, A. *O homem revoltado*. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

COTINI, M. L. J. *Psicólogo e a promoção de saúde na educação*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação: Unicamp. 1998

DECI, E.L., SCHWARTZ, A.J, SHEINMAN, L. & RYAN, R.M. An instrument to assess adults' orientations toward control versus autonomy with children: reflections on intrinsic motivation and perceived competence. *Journal of Educational Psychology*, 73(5), 642-650. 1981.

FONTANA, F. "Técnicas de pesquisa". In: MAZUCATO, Thiago. *Metodologia da*

- pesquisa e do trabalho científico. Penápolis: FUNEPE, 2018.
- FREIRE, João Batista. *Jogo: entre o riso e o choro*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 62. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GARGANTA, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de Doutoramento. FCDEF- Universidade do Porto.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LA TAILLE, Y. *Moral e Ética: Uma Leitura Psicológica*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2010, Vol. 26 n. especial, pp. 105-114.
- LEONARDO, L.; SCAGLIA, A.J. *Análise de conteúdo por redução de dados qualitativos aplicada ao estudo de competições de handebol de jovens: uma proposta de triangulação de procedimentos analíticos*. In: LEONARDO; L. *Um estudo das competições de handebol de jovens do estado de São Paulo: caracterização das adaptações competitivas e opiniões de treinadores sobre suas aplicações*. 2018. 178f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Sociedade) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018a
- PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. São Paulo: Melhoramentos, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.
- SCAGLIA, A. J. *O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes*. 2003. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- SCAGLIA, A. J. *Jogo: um sistema complexo*. In: FREIRE, J. B.; VENÂNCIO, S. *O jogo dentro e fora da escola*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SILVA, L.F.N., LEONARDO, L., e SCAGLIA, A.J. (2021). *Epistemologia da prática pedagógica na Educação Física e esporte. Mapeamento a partir de um instrumento metodológico*. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 25(274), 145-163.
- SILVA; A. G.; SANTOS, M. P.; SENNA, M. *Gestão e autonomia no currículo de educação física: caminhos para a desconstrução da imagem de “jogadores de bola”*. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 23, n. esp. 1, p. 936-951, out. 2019.
- TEOLDO, I. C.; GUILHERME, J.; GARGANTA, J. *Para um futebol jogado com ideias*. 1 ed. Curitiba: Appris Editora. 2015
- VON ZUBEN, M. C.; MEDEIROS, R. R. *Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia*, Caicó-RN, ano VI, n. 1, p. 71-93, jan.-jun. 2013.